

CONHECIMENTO LINGUÍSTICO E GÊNEROS DISCURSIVOS DIGITAIS: CORRELAÇÕES POSSÍVEIS A PARTIR DE FENÔMENOS VARIÁVEIS EM INTERAÇÕES POR *CHAT*

LINGUISTIC KNOWLEDGE AND DIGITAL DISCOURSE GENRES: POTENTIAL CONNECTIONS BASED ON VARIABLE PHENOMENA IN ONLINE CHATS

Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro*
andreifcpinheiro@gmail.com

Vera Lúcia Paredes Silva**
vparedessilva@gmail.com

Christina Abreu Gomes***
christina-gomes@uol.com.br

Diversos estudos sobre a língua inglesa têm verificado, na comunicação informal por ambiente digital, estratégias de redução ou simplificação sintática, entre as quais se atesta a não expressão do sujeito de 1.^a pessoa do singular. Este artigo focaliza um gênero discursivo digital com o objetivo de verificar se a língua usada no ambiente digital se diferencia dos usos observados na fala e na escrita convencionais, ao incorporar diferentes frequências de variantes morfossintáticas. São analisados dados das variáveis realização do sujeito pronominal de 1.^a pessoa do singular e do objeto direto anafórico de 3.^a pessoa do português brasileiro. Os dados foram coletados de interações por *chat* (ou mensagens instantâneas), tipicamente informais. Os resultados indicam a predominância das variantes nulas para ambas as variáveis, reproduzindo taxas atestadas para a realização do sujeito na escrita e para a realização do objeto direto anafórico na fala. Dessa forma, constitui-se um padrão específico do gênero discursivo digital analisado. A partir da abordagem dos Modelos baseados no Uso, buscamos argumentar que os padrões observados nos gêneros discursivos, incluindo os digitais, também integram o conhecimento linguístico do falante.

Palavras-chave: Modelos baseados no Uso. Variação linguística. Conhecimento linguístico. Gêneros discursivos digitais. *Chat*.

Several studies on the English language have identified strategies of syntactical reduction or simplification in digital informal communication, such as the non-expression of the first-person singular subject. This paper focuses on a digital discourse genre with the goal to verify whether linguistic uses in the digital environment are distinct from those observed in prototypical speech and written interactions, since digital discourse genres might incorporate different frequencies of morphosyntactic variants. We analyse data of the following variables: the expression of the first-

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID: 0000-0002-4062-2774

** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID: 0000-0002-6652-5577

*** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID: 0000-0003-0358-2029

person singular pronominal subject, and the third-person anaphoric direct object in Brazilian Portuguese. These data were retrieved from chat interactions (or instant messaging), which are typically informal by nature. Results indicate that the null variants are predominant in both cases, thus replicating rates of subject expression in written texts, and of the anaphoric direct object in speech. Therefore, it constitutes a specific pattern of this digital discourse genre. Adopting the approach of the Usage-based Models, we argue that linguistic patterns observed in discourse genres, digital ones included, also integrate the speaker's linguistic knowledge.

Keywords: Usage-based Models. Language variation. Linguistic knowledge. Digital discourse genres. Chat.

•

1. Introdução

O foco deste artigo incide sobre a manifestação linguística em textos produzidos em ambiente digital; mais especificamente, interações informais realizadas por escrito em aplicativo de mensagens instantâneas. Trata-se de trocas de mensagens digitadas em dispositivos eletrônicos e postas em circulação pela internet, que funcionam, primordialmente, de modo síncrono, com *feedback* quase imediato pelos interlocutores.

Diversos estudos têm se voltado a descrever tais contextos de interação e os reconhecem a partir tanto dos traços discursivos que lhes são particulares, quanto de outros que recuperam e readaptam. É o que se nota, por exemplo, nos trabalhos de Murray (2000), Marcuschi (2010), Araújo (2016) e Herring e Androutsopoulos (2015).

As mensagens instantâneas representam o gênero discursivo digital *chat* que, conforme apresentado por Araújo (2010, p. 115), “é oriundo do que Bakhtin chama de *diálogo cotidiano*, uma vez que as marcas da conversa cotidiana permanecem no *chat*” (destaques no original). Tais mensagens, apesar de digitadas – i.e., escritas, mas em ambiente digital, a partir de dispositivos eletrônicos –, emulam, em certa medida, padrões interacionais típicos de interações face a face, especialmente de interações informais. Entretanto, não se pode dizer que as conversas por chat incorporem, direta e inequivocamente, toda e qualquer característica do diálogo cotidiano. Afinal, como afirma Araújo (2010), as marcas deste gênero da fala, “uma vez transmutadas pela *web*, parecem gerar uma nova formatação do *diálogo cotidiano*” (destaque no original).

Um dos principais traços associados à escrita informal pelo meio digital parece ser a *simplificação* ou *redução* das formas linguísticas empregadas nos textos. Isso tem sido apontado por diversos trabalhos acerca da comunicação em ambiente eletrônico, como os de Murray (2000), Herring (2012) e Rafi (2014), sobre o inglês, e o de Stark e Robert-Tissot (2017), sobre o francês da Suíça. Nessas investigações, tipicamente justifica-se o uso de tais estratégias de simplificação pela necessidade de se empreender no meio digital uma comunicação ágil, verdadeiramente *online*, além de se identificarem restrições relativas ao próprio ambiente, como limites de caracteres impostos por determinadas plataformas digitais. Resulta-se, pois, em alterações na grafia de certas palavras, no uso inovador de caracteres ou *emojicons* para indicar sentimentos (como o emprego de ‘O.O’ para comunicar espanto) e até mesmo em reduções na estrutura sintática das sentenças.

No que se refere à sintaxe nas interações digitais, destaca-se por vezes a alta frequência da não expressão de pronomes sujeitos, geralmente de 1.^a pessoa do singular, como em Murray (2000), Herring (2012) e Rafi (2014), além de Berger e Coch (2010), Dabrowska (2011) e Weir (2012). Todos esses trabalhos voltam-se para a língua inglesa, na qual se costuma correlacionar a ocorrência de sujeitos nulos apenas a contextos específicos, tipicamente da fala casual (vd. Wagner, 2016). Isso ressalta a relevância de que a comunicação digital favoreça tal variante ainda mais do que situações de fala informal, visto que, assim, a interação por meio eletrônico parece motivar uma reconfiguração do conhecimento linguístico de uma língua específica.

Se já há um leque de investigações acerca desse tema na língua inglesa, tão atual e pungente devido aos rápidos avanços tecnológicos, acreditamos que o mesmo não possa ser dito sobre o português brasileiro (PB). No Brasil, diversos trabalhos, tais quais os compilados em Marcuschi e Xavier (2010), têm sido desenvolvidos com especial atenção à composição hipertextual da *web* e aos padrões discursivos encontrados na comunicação digital. Porém, sobre aspectos da sintaxe do português nas interações por meio eletrônico, não parece haver tantas análises.

Entre aqueles que, de fato, se voltam a este tema, destacamos o trabalho de Paredes Silva e Pinheiro (2020).¹ Os autores comparam os resultados de Lima (2014) e Pinheiro (2017), que investigaram, respectivamente, a variação do sujeito de 1.^a pessoa do singular em *blogs* de viagem e a variação do objeto direto de 3.^a pessoa em referência anafórica em conversas de *chat* pelo *WhatsApp*. Observa-se, então, que, por um lado, a distribuição dos dados de sujeito de 1.^a pessoa em *blogs* de viagem se assemelha aos dados de cartas pessoais, com altos índices de sujeito nulo; por outro, os dados de objeto direto de 3.^a pessoa no *WhatsApp* aproximam-se de ocorrências típicas da fala espontânea, com percentuais mais altos de objeto nulo. Essa comparação evidencia que, como apontado por Herring e Androutsopoulos (2015), a comunicação mediada por ambiente digital, enquanto rótulo que abrange diferentes gêneros discursivos, não pode ser caracterizada como uma única variedade linguística, ao contrário do que já se tentou fazer. É necessário considerar a natureza da interação, as suas características, o gênero discursivo.

Insera-se, pois, neste contexto, a discussão aqui proposta. Pautamo-nos sobretudo pelas observações já feitas acerca do inglês, em que a ocorrência de sujeitos nulos de 1.^a pessoa do singular parece despontar como estratégia de simplificação sintática em textos digitais menos monitorados, com índices ainda mais altos do que se esperaria da fala informal. Visamos, portanto, a estender essa reflexão à gramática do português brasileiro em interações informais por ambiente digital e verificar se a não expressão de determinados constituintes, em contextos de variação, também se demonstra predominante na sintaxe do PB, no que se refere a textos produzidos na *web* em comparação com as modalidades oral e escrita convencionais.²

¹ Ainda sobre este assunto, remetemo-nos às investigações desenvolvidas, e.g., por Santos (2019), Lima (2017), Oliveira (2014) e Lé (2012), todas as quais se voltam a textos produzidos e postos em circulação em ambiente digital.

² Neste artigo, a designação das modalidades oral e escrita como *convencionais* faz referência à comunicação oral e escrita que não dependa essencialmente da conectividade do ambiente digital para se realizar: e.g., entrevistas sociolinguísticas, cartas pessoais, textos de jornais impressos – gêneros discursivos amplamente analisados na tradição de investigações variacionistas sobre o português brasileiro.

Para isso, discutiremos alguns resultados de pesquisas sobre dados de escrita informal no aplicativo de mensagens instantâneas *Facebook Messenger* – um *corpus* composto por conversas predominantemente síncronas, todas elas digitadas. Direcionaremos o nosso olhar aos resultados encontrados em Pinheiro (2021), sobre a variação do objeto direto de 3.^a pessoa, e em Pinheiro e Guimarães (2018), em que foi analisada a expressão variável do sujeito de 1.^a pessoa do singular no mesmo *corpus*. A observação dessas variáveis é importante para a caracterização da comunicação digital, uma vez que, no português brasileiro falado (modalidade com a qual comumente se comparam os textos produzidos na *web*), são observadas tendências opostas para essas estruturas: para o objeto direto de 3.^a pessoa, a perda de clíticos com predominância do objeto nulo (*e.g.*, Duarte & Ramos, 2015); e predominância da realização fonética do sujeito de 1.^a pessoa do singular (*e.g.*, Paredes Silva, 2003), evidenciando que o PB oral teria perdido, ou estaria perdendo, a propriedade de língua de sujeito nulo. Os resultados de Pinheiro e Guimarães (2018) indicam que, seja para o sujeito, seja para o objeto, as variantes nulas demonstram-se mais frequentes nas conversas por *chat*. Desse modo, as conversas por *chat* parecem apresentar um caráter híbrido: quanto aos dados de sujeito, afastam-se da fala e se aproximam do observado na escrita convencional, em que o sujeito nulo predomina (*e.g.*, Paredes Silva, 2003, 1988); já em relação ao objeto direto, encontra-se um comportamento similar ao da fala espontânea, em que o objeto nulo é a variante mais frequente (*e.g.*, Duarte & Ramos, 2015).

Logo, ao menos *a priori*, observam-se padrões semelhantes àqueles já atestados para a língua inglesa, em que a não expressão de constituintes, sobretudo do pronome sujeito de 1.^a pessoa do singular, tende a se destacar como característica típica da escrita informal em gêneros discursivos digitais como o chat, mostrando-se mais frequente até mesmo do que nos contextos de conversa espontânea em que seria esperada. Levantamos, assim, um questionamento: na organização do conhecimento linguístico, as formas da língua também se armazenam associadas aos gêneros discursivos nos quais tendem a ocorrer?

Responder a essa pergunta pode nos levar a novas evidências acerca da organização da gramática do falante. Partimos, então, do pressuposto de que o conhecimento linguístico – no qual se inclui a variação – é modelado a partir da experiência e sistematizado na mente a partir de processos cognitivos de domínio geral. Dessa forma, a gramática da língua, como a sua aquisição, não se pode dissociar dos contextos reais de uso, como, *e.g.*, proposto por Bybee (2010) e desenvolvido por Cristóvão Silva e Gomes (2020). Acreditamos, ainda, que as formas linguísticas estão armazenadas em uma complexa rede de *construções*, ou seja, pareamentos de forma e sentido (*vd.* Bybee, 2010; Traugott & Trousdale, 2013). Inscrita nas construções, de acordo com Cristóvão Silva e Gomes (2020), encontra-se a heterogeneidade da língua, dentro da perspectiva dos Modelos baseados no Uso. A seguir, discutiremos alguns conceitos que orientam este trabalho.

2. Modelos baseados no Uso, variação linguística e gêneros discursivos

Para os Modelos baseados no Uso – abordagem aqui adotada –, a gramática é *emergente*: o conhecimento linguístico é constituído a partir da relação entre a experiência do falante com a língua e processos cognitivos inatos de domínio geral, que não se restringem à produção e à compreensão linguísticas e operam em diferentes áreas da cognição humana (Bybee, 2010). Entre tais processos cognitivos, destacam-se a categorização e o armazenamento de memória enriquecida (*rich memory storage*). Esse pressuposto difere do modelo da Teoria Gerativa, que estabelece um conhecimento inato especificamente linguístico e assume a existência de uma Gramática Universal, transmitida geneticamente.

A partir das nossas experiências no mundo biossocial, deparamo-nos com elementos de naturezas diversas. Dada a heterogeneidade desses elementos, é pelo processo de *categorização* que organizamos o nosso conhecimento acerca deles. Nós os categorizamos, portanto, a partir do reconhecimento de semelhanças, e a cada categoria cognitivamente construída associam-se exemplares mais prototípicos, aqueles mais vinculados à representação central da categoria; e exemplares mais periféricos. Mais prototípicos são, pois, exemplares tipicamente mais frequentes, e pela sua repetição são armazenados como membros mais centrais, mais representativos da categoria (*vd.* Bybee, 2010). Nas palavras de Cristóvão Silva e Gomes (2020, p. 18), os exemplares são formados “a partir de ocorrências da experiência do falante que são percebidas como sendo as mesmas e que contêm informação dos contextos de uso”, organizando-se em “um mapa cognitivo com base na similaridade entre eles – Modelo de Redes (*Network model*)”. Acrescentam ainda que os exemplares são dinâmicos e se atualizam a partir dos eventos de uso nos quais o próprio indivíduo se inscreve, de tal forma que as instâncias de uso representam e capturam elementos do contexto linguístico, situacional e social – o que corrobora o postulado de que “a experiência ou uso impacta o conhecimento abstrato” (*ibidem.*). O *Armazenamento de Memória Enriquecida*, ainda segundo as autoras com base em Bybee (2010), atua justamente nesse sentido, visto que propicia a representação detalhada dos exemplares, junto aos seus contextos de uso, seus significados e as inferências associadas a eles. As abstrações em diferentes graus emergem, pois, das representações detalhadas.

Para os Modelos baseados no Uso, a variabilidade observada nas línguas humanas – em que se inclui a variação sociolinguística – não deve ser vista como periférica, ou secundária ao conhecimento linguístico, mas como central (*vd.* Bybee, 2010; Cristóvão Silva & Gomes, 2020). Afinal, conforme dito anteriormente, essa abordagem teórica compreende que os exemplares linguísticos são armazenados cognitivamente junto aos contextos de uso nos quais tendem a ocorrer. Essa hipótese, portanto, implica em dar um tratamento *representacional* para a variação.

Dessa maneira, diz-se que, em termos cognitivos, o conhecimento linguístico se organiza em uma complexa rede de *construções*, entendidas como pareamentos de forma e sentido, tal qual proposto, por exemplo, por Goldberg (1995), Bybee (2010) e Traugott e Trousdale (2013). Assim, no escopo da ‘forma’ encontram-se todos os componentes da estrutura linguística, desde a produção sonora até os padrões sintáticos. Já no que se refere ao ‘sentido’, convergem aspectos semânticos, discursivos e pragmáticos. Além disso, as construções variam em um contínuo de esquematicidade e abstração (Diessel, 2015).

Bybee (2013) defende que a representação abstrata de uma construção pode ser capturada em uma representação em exemplares. Desse modo, o termo *construção* é aplicado desde a unidades gramaticais associadas a lexemas particulares, como em formas idiomáticas do tipo “*acabar em pizza*”, expressões pré-fabricadas como “*tudo bem*”; até a formas definidas a partir de unidades abstratas, ou *slots*, que podem ser preenchidas por certos tipos de itens lexicais ou expressões como “deu o livro *a/para Pedro*”, representada com dois *slots*: *dar [X] [a/para Y]*. Segundo Bybee (2013), a representação da construção contém uma lista de itens lexicais experienciados em um *slot* particular da construção, ou em um conjunto de propriedades semânticas que restringem o *slot*, e os exemplares estão ligados em um mapa cognitivo, como no Modelo de Redes (*Network model*) de Bybee (1995). Essas conexões são multidimensionais, *i.e.*, se estabelecem através de diferentes domínios, uma vez que os itens que são parte de *chunks* (ou formas pré-fabricadas) são também conectados às nuvens de exemplares de cada item. Assim, *slots* são definidos como nuvens de exemplares, cujos itens são agrupados em função de similaridades (sonoras e semânticas ou ambas) e o elemento central do *slot* é definido em função da frequência de ocorrência do item, ou seja, da frequência com que a construção é usada com um determinado item naquele *slot*. Bybee (2010, pp. 25–26) chama a atenção para o fato de que os exemplares das construções mais abstratas são mais complexos em função dos *slots*, das possibilidades flexionais dos nomes, adjetivos e verbos, ao passo que também possuem algumas posições fixas, que são essenciais para o estabelecimento do grupamento ou nuvem de exemplares.

As construções, conforme mencionado anteriormente, podem variar em graus de esquematicidade, desde mais esquemáticas, *i.e.*, com mais posições abertas para preenchimento, como a construção SVO (sujeito-verbo-objeto); até mais substantivas, como *chutar o balde*, conectada à construção mais abstrata SVO, porém fonologicamente especificada, visto que nenhum dos elementos que a compõem pode ser substituído. A organização da rede construcional parte, tal qual já apresentado, de usos concretos, observados na experiência intersubjetiva. Desses usos, depreendem-se semelhanças, que, por sua vez, permitem ao indivíduo formular padrões mais abstratos, a partir dos processos já mencionados de categorização e armazenamento de memória enriquecida, entre outros.

Aqui, no entanto, faz-se necessária uma observação. Na sua proposta de análise construcionista, Traugott e Trousdale (2013, p. 8) afirmam que os aspectos discursivos que compõem determinada construção correspondem ao seu papel no discurso, não ao contexto discursivo no qual estaria inserida. Apesar disso, mencionam que determinadas mudanças linguísticas, por vezes, se correlacionam a certos gêneros ou tipos textuais, que podem restringi-las ou favorecê-las (*idem*, pp. 64, 211, 230).

Para Bybee (2010, p. 9), em uma concepção de gramática baseada no uso, instâncias de uso similares são categorizadas em representações mais abstratas. Já em trabalho de 2013, Bybee tece considerações acerca dos *contextos* em que uma construção é empregada, ao afirmar que o surgimento de uma nova construção está correlacionado ao fato de que contextos particulares se integram à representação do uso de uma construção (*vd.* Bybee, 2013, p. 63). Ainda assim, não parece suficientemente bem definido o escopo de informações compreendidas pela noção de *contexto*.

Na discussão apresentada por Kemmer e Barlow (2000, p. viii) sobre Modelos baseados no Uso, destaca-se que, nessa perspectiva, o sistema linguístico está essencialmente fundamentado em *eventos de uso*, que, por sua vez, são definidos como instâncias em que um falante produz e compreende uma língua. Depreende-se, pois, que as experiências do falante com a língua são a base a partir da qual o sistema linguístico é abstraído. Portanto, existe íntima relação entre as representações mais abstratas na gramática do falante e os eventos de uso da língua experienciados por ele. De modo análogo, Cristóvão Silva e Gomes (2020, pp. 14–15) atestam que a representação detalhada de exemplares na mente humana inclui os contextos nos quais esses itens são efetivamente usados. Entendemos, assim, que a representação de exemplares também pode incorporar, no seu detalhamento, os *gêneros discursivos*.

De acordo com Bakhtin (1997, p. 282), “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida entra na língua”. Portanto, na perspectiva bakhtiniana, o principal objeto de estudo da Linguística são justamente os *enunciados*, que se caracterizam por três elementos: o conteúdo temático, o estilo (*i.e.* os recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua) e a construção composicional. Esses elementos, para Bakhtin, são determinados pelo campo de atividade humana no qual se insere um conjunto de enunciados. Aos *tipos relativamente estáveis de enunciados* pelos quais interagimos, denomina-se *gêneros do discurso*. Desse modo, o domínio discursivo – ou seja, o campo de atividade humana – elabora e reelabora os gêneros discursivos que promovem a comunicação, e o enquadramento em determinado gênero promoverá, por sua vez, diferentes escolhas linguísticas, ao que Bakhtin denomina *estilo*.

Seguindo raciocínio semelhante, Marcuschi (2008) defende que a análise de fenômenos linguísticos variáveis deve considerar também o contexto discursivo e o gênero em questão. O trabalho de Paredes Silva (2012) exemplifica isso. A autora concilia uma perspectiva variacionista ao conceito de *referenciação* e à *análise de gêneros*. Assim, ao observar as estratégias de referenciação em diferentes gêneros do discurso jornalístico, conclui que as crônicas “tendem a se centrar em personagens humanos, conhecidos do público leitor, o que favoreceria o uso do pronome e mesmo da anáfora zero” (*idem*, p. 292).

Na próxima seção, discorreremos em mais detalhes sobre a conexão entre o conhecimento linguístico e os gêneros do discurso, especialmente gêneros discursivos digitais.

3. Conhecimento linguístico e gêneros discursivos digitais

O estudo dos gêneros discursivos tem levado alguns pesquisadores a se atentarem aos gêneros produzidos em um ambiente de interações humanas relativamente novo: o ambiente digital. Em 2004, no seu livro *A Revolução da Linguagem*, David Crystal já apontava diferentes razões pelas quais a comunicação digital se diferencia da fala e da escrita convencionais. Em contraste com a oralidade, nas interações virtuais muitas vezes nota-se a falta (ou ao menos a possibilidade da falta) de retorno simultâneo, que se deve, entre outros fatores, a limitações temporais da tecnologia e à disponibilidade do

interlocutor para manter a interação; nota-se também o uso de *emoticons* – aos quais atualmente se acrescentam os *emojis* – a fim de emular (sem garantia completa de sucesso) elementos paraverbais da comunicação face-a-face.³ Já em comparação com a escrita convencional, Crystal afirma que a escrita na internet não é estática ou invariável, e integra o *hipertexto*: “o salto que os usuários podem dar se desejarem ir de uma página ou *site* para outro” (Crystal, 2004, p. 88).

Apesar das diferenças com a modalidade escrita prototípica, muitos autores notam a importância da escrita na comunicação digital. Em trabalho de 2010, Marcuschi indica que os gêneros ligados à internet são fundamentalmente baseados na escrita, apesar de nesses textos estarem também integradas imagens e som. Recomenda cautela, contudo, ao se caracterizar a comunicação digital como uma “fala por escrito”, pois, nas palavras do autor, “o que se nota é um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive com o acúmulo de representações semióticas” (Marcuschi, 2010, p. 22). Nesse sentido, Herring e Androutsopoulos (2015) apontam que não é fácil enquadrar a interação virtual como fala (digitada) ou como escrita, apesar de diversos autores terem tentado classificá-la como uma ou outra modalidade. Na verdade, mesmo que muitas vezes os meios de produção das interações online mostrem semelhanças com outras formas de escrita, também exibem características da oralidade, além de características próprias da modalidade eletrônica. Assim, Crystal (2004, p. 90) afirma que a comunicação digital, denominada por ele de *netspeak*, “é mais do que um agregado de características faladas e escrita” e “mais do que um híbrido de fala e escrita, ou o resultado do contato entre dois veículos existentes há muito”.

Herring e Androutsopoulos (2015, p. 127) caracterizam o discurso mediado por computador como a comunicação produzida por seres humanos ao interagirem por mensagens enviadas através de computadores conectados ou móveis. Além disso, definem *computadores* de uma maneira abrangente, a fim de incluir qualquer dispositivo de comunicação digital. Baron (2013) propõe, então, dois parâmetros básicos pelos quais se pode definir a comunicação mediada por computador: o caráter síncrono ou assíncrono da comunicação e a quantidade de participantes na interação. Desse modo, é possível distinguir, de um lado, entre interações síncronas, com transmissões essencialmente instantâneas, e assíncronas; e, de outro, entre interações diádicas e interações de muitos para muitos. Apesar disso, a própria autora observa que tais distinções não se sustentam com tanta facilidade, visto que são frequentemente rompidas pelos usuários da internet no uso efetivo que fazem das plataformas de comunicação *online*. Observe-se, pois, que o atributo *online* pode assumir um caráter ambíguo que corresponde tanto à sincronicidade da comunicação, quanto ao seu meio de circulação.

Dessa maneira, notam-se diferentes atributos que distinguem a comunicação mediada por computador da fala e da escrita convencionais. Tão significativa é a distinção entre as estruturas empregadas na comunicação eletrônica, que Herring (2012) propõe denominarmos *e-grammar* (‘gramática eletrônica’) ao conjunto dessas estruturas

³ *Emoticons* são tipicamente formados pela junção criativa de sinais de pontuação e outros caracteres do teclado, a fim de simular elementos paraverbais. *Emojis*, por outro lado, ao invés de constituídos por caracteres do teclado, são pequenas ilustrações já incorporadas às plataformas de interação digital que podem ser acrescentadas ao texto digitado.

particulares que se observam desde a ortografia, como em abreviações e grafias inovadoras, até a sintaxe, com estruturas por vezes descritas como telegráficas ou fragmentadas. Em todos os casos, costuma-se identificar uma mesma motivação para a emergência da *e-grammar*: poupar caracteres, a fim de se propiciar uma interação mais rápida (e.g., Murray, 2000; Dabrowska, 2011; Herring, 2012; Rafi, 2014). Berger e Coch (2010) indicam ainda que – especialmente em dispositivos móveis mais antigos – o uso dos teclados não costuma favorecer a escrita de palavras, por serem originalmente projetados para digitar números. Mesmo que atualmente haja teclados mais amigáveis ao estabelecimento contínuo de conversas *online*, é possível que nas práticas de escrita digital ainda perdurem alguns efeitos desenvolvidos em estágios anteriores da comunicação eletrônica.

Diante da heterogeneidade linguística observada na interação digital, tal como em outras modalidades das línguas, Herring e Androutsopoulos (2015) afirmam que não se pode caracterizar o discurso mediado por computador como um registro homogêneo, ao contrário do que já se afirmou previamente. Observam, pois, que características estruturais da comunicação digital variam a depender do meio de comunicação, da língua, das características dos falantes e da própria situação comunicativa. Androutsopoulos (2014) nota também que atualmente os gêneros discursivos e os estilos da linguagem midiática – em que se incluem os novos meios tecnológicos – são muito diversos, o que desafia ainda mais a hegemonia da língua padrão. Cada vez mais, conforme atesta o autor, os estilos vernaculares e formas híbridas de comunicação proliferam nas novas mídias, coincidindo com processos como a diversificação de públicos-alvo, a fragmentação e a multimodalidade de produtos da mídia, e a ascensão da *web* como um novo domínio da comunicação midiática. Dessa maneira, características inovadoras passam a ser usadas até mesmo em contextos nos quais se esperariam estilos mais formais da fala ou da escrita, gerando um aumento de combinações híbridas de fala e escrita e de propriedades formais e informais.

Quanto à sintaxe da *e-grammar*, particularmente interessante ao estudo aqui proposto, destaca-se, em estudos sobre o inglês, o seguinte fato: segundo observam, e.g., Murray (2000), Dabrowska (2011), Weir (2012) e Rafi (2014), parece haver alta frequência de sujeitos nulos de 1.^a pessoa do singular na escrita digital informal, contrastando com o que ocorre em outras modalidades da língua inglesa, inclusive em situações de maior informalidade. Por um lado, como demonstra Wagner (2016), a partir de uma perspectiva variacionista, há de se reconhecer que, inclusive no inglês falado, ocorrem mais sujeitos nulos do que comumente se postula. No seu *corpus*, a pesquisadora encontrou 1.300 sujeitos nulos de todas as pessoas/categorias referenciais; destes, a maioria correspondia a sujeitos nulos de 1.^a pessoa do singular. Entretanto, não se pode negar que, mesmo em relação aos sujeitos de 1.^a pessoa, as variantes nulas totalizam apenas 311 (7,17%), contra 4.025 realizações fonéticas do sujeito. Intriga-nos, portanto, a variedade de trabalhos que constata o marcante índice dos sujeitos nulos, sobretudo os de 1.^a pessoa do singular, na escrita *online* informal. Para Wagner (2016), o licenciamento mais recorrente da variante nula dos sujeitos de 1.^a pessoa do singular – nos contextos em que é efetivamente possível – deve-se, entre outros fatores, ao fato de que, em inglês, tais sujeitos tendem a não gerar ambiguidade: são indicados através de

pronomes com formas diferentes para singular e plural (*I* vs. *we*, em comparação, e.g., com *you*), estruturas distintas para usos nominativos e oblíquos (*I* vs. *me*, em comparação, e.g., com *you* e *it*) e podem facilmente ser identificados como *o falante*.

Interessadas em verificar o *status* cognitivo do que denominam *texted English* ('inglês digitado'), em comparação com o inglês padrão, Berger e Coch (2010) realizam um experimento voltado para o efeito N400.⁴ Nessa pesquisa, o inglês digitado se compõe por sequências de letras, números e símbolos que desafiam as convenções do inglês padrão (Berger & Coch, 2010, p. 136). As autoras partiram da hipótese de que o processamento cognitivo do inglês digitado desencadearia um efeito N400 semelhante àquele observado para uma segunda língua, cujo pico ocorreria mais tardiamente do que o efeito N400 para a língua materna. Nesse sentido, Berger e Coch levantaram inicialmente a possibilidade de considerar bilíngues aquelas pessoas que frequentemente se comunicam tanto pelo inglês escrito padrão, que corresponderia à sua língua materna, quanto pelo inglês digitado, sua língua adicional. No experimento, verificaram o processamento de incongruências semânticas no inglês padrão e no inglês digitado. Concluíram, por fim, que, de fato, o efeito N400 atua para o inglês digitado mais tardiamente e de modo mais prolongado, o que indica maior dificuldade no reconhecimento de incongruências semânticas em contraste com o inglês padrão, tal qual costuma ocorrer com indivíduos bilíngues, ao processarem incongruências semânticas em línguas adicionais. Para Berger e Coch, esses resultados não foram suficientes para afirmar que o inglês digitado possa ser considerado uma segunda língua; apesar disso, indicam que o processamento da anomalia semântica no inglês digitado mostra-se similar ao processamento semântico em línguas adicionais. Registre-se, porém, que a investigação das autoras se pauta por critérios exclusivamente ortográficos, sem especial atenção à sintaxe.

Na discussão aqui empreendida, atentamo-nos à variação do sujeito de 1.^a pessoa do singular e do objeto direto de 3.^a pessoa em referência anafórica em conversas por chat (ou mensagens instantâneas) – um gênero discursivo digital, de natureza tipicamente informal.⁵ Buscaremos discutir se, a partir das frequências das variantes nulas de sujeitos e objetos, é possível apontar a não materialização de determinados constituintes como um traço típico da comunicação *online* em contraste com as modalidades falada e escrita convencionais. Ao compararmos os resultados de Pinheiro (2021) e Pinheiro e Guimarães (2018), veremos que, tanto para o sujeito de 1.^a pessoa do singular, quanto para o objeto direto de 3.^a pessoa, as variantes nulas predominam sobre as formas preenchidas.

⁴ ERP, ou potenciais de eventos relacionados, é uma medida da resposta do cérebro (resposta eletrofisiológica) como resultado direto a estímulos sensoriais, cognitivos e motores, capturada em forma de ondas. O efeito N400 corresponde a um padrão na forma de onda que se verifica aos 400ms após a apresentação do estímulo que apresenta anomalia semântica. Segundo Berger e Coch (2010, p. 136), esse efeito é conhecido como a diferença obtida nas amplitudes das ondas N400 entre o processamento de uma palavra incongruente em relação ao processamento de uma palavra congruente.

⁵ Seguimos a proposta de Araújo (2016) quanto à nomenclatura utilizada para os textos produzidos em ambiente digital. Na perspectiva bakhtiniana, os gêneros são sempre discursivos, pois se realizam em uma determinada esfera do discurso. No entanto, para marcar o fato de que determinados gêneros se manifestam em ambiente digital (que não corresponde a uma nova esfera discursiva), estes se denominam *gêneros discursivos digitais*, o que permite ressaltar características de conectividade e padrões de interação particulares a esse ambiente.

Desse modo, desejamos compreender, com base em dados do português brasileiro, até que ponto os usos da língua em ambiente digital se diferenciam da fala e da escrita convencionais, ao incorporarem diferentes frequências de variantes morfossintáticas. Buscamos, pois, levantar evidências para verificar se o gênero discursivo pode também estar representado no conhecimento linguístico, junto às formas da língua que compõem a gramática do falante.

4. A variação do sujeito e do objeto direto em *chats*

Tanto a investigação de Pinheiro (2021), quanto a de Pinheiro e Guimarães (2018) analisam interações informais na plataforma de mensagens instantâneas Facebook Messenger, representativas do gênero discursivo digital chat, um *corpus* originalmente analisado e descrito por Pimienta (2013). A pesquisadora considera essas conversas espontâneas e simétricas, visto que observa alto grau de intimidade entre os interlocutores (Pimienta, 2013, p. 67). Além disso, como característico de mensagens instantâneas, tais conversas demonstram-se essencialmente síncronas, com *feedback* quase imediato pelos interlocutores, de tal modo que, em certa medida, se emula uma comunicação face-a-face. Todas as interações foram realizadas em 2012 e se caracterizam como duais, *i.e.*, compostas por apenas dois participantes, todos jovens universitários cariocas.

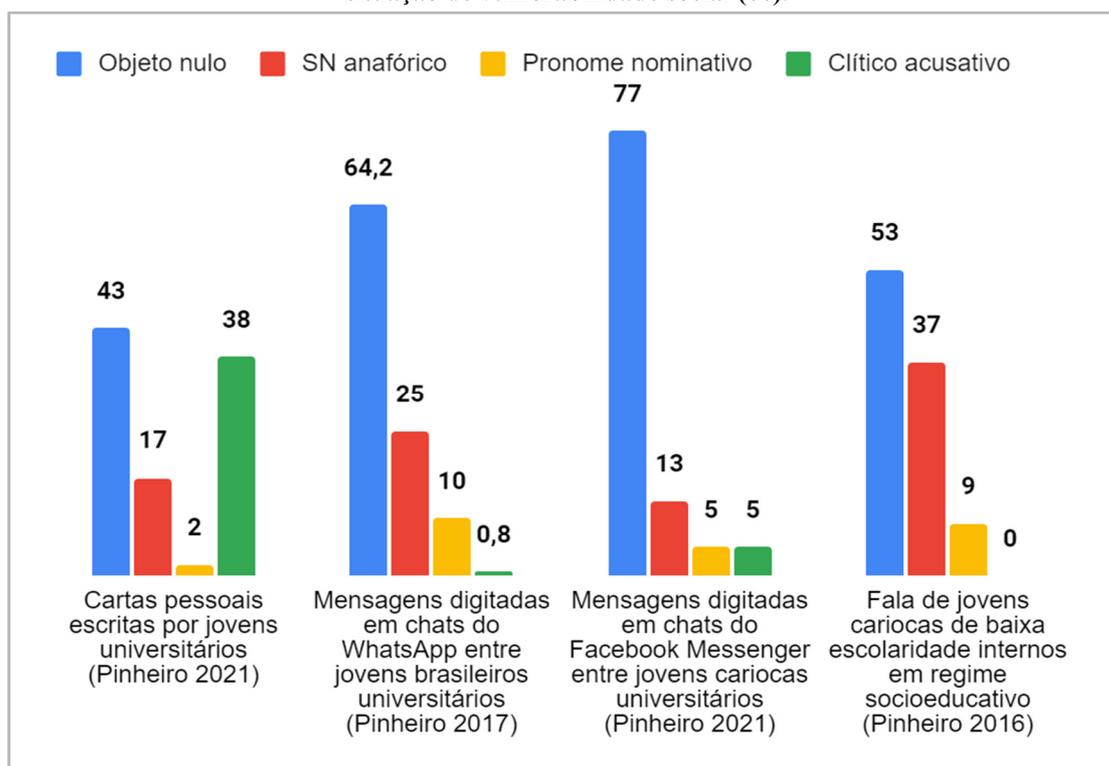
Em Pinheiro (2021), dedicamo-nos à variação do objeto direto de 3.^a pessoa em referência anafórica. Depreendemos alternância entre sintagmas nominais (SN) anafóricos, objetos nulos, pronomes nominativos e clíticos acusativos, exemplificados respectivamente a seguir. Nos exemplos, os termos em negrito indicam as ocorrências analisadas, e os termos sublinhados destacam as menções anteriores aos mesmos referentes.

- (1) *Interlocutor 'N'*: [o trabalho] é sobre o que?
Interlocutor 'R': história da morfologia [...]
Interlocutor 'N': [a professora] num deu **história da morfologia**.
Interlocutor 'R': no começo ela não deu **Ø**?
- (2) *Interlocutor 'A'*: to morando num apartamento aki na rua do biomédico..ja te falei né..rss... só q as meninas vão entregar **ele** p dono em dezembro [...]
- (3) *Interlocutor 'O'*: o wally me viu.. ele foi à mostra de dança da minha igreja e disse que foi tudo lindo e tal.. era tanta gente que eu não **o** vi [...].

Observamos que o objeto nulo se destaca como a variante predominante no *corpus* analisado, contabilizada em 77% dos dados – um percentual ainda maior do que encontramos, *e.g.*, na fala de jovens cariocas de baixa escolaridade, internos em regime socioeducativo (53%) (Pinheiro, 2016). Além disso, comparamos esses resultados aos de Pinheiro (2017), em que investigamos a variação do OD de 3.^a pessoa em conversas duais entre jovens universitários por *WhatsApp*, também uma plataforma de chat. Em ambas as amostras de escrita digital, os percentuais de objeto nulo ultrapassam 60%. Ainda em Pinheiro (2021), verificamos a expressão desse mesmo fenômeno variável em cartas

peçoais escritas por jovens universitários, representativas da modalidade escrita convencional, mesmo que, devido à informalidade, possam apresentar algumas características semelhantes à conversa cotidiana (Paredes Silva, 1988). Nesse gênero discursivo, notamos equilíbrio entre objetos nulos (43%) e clíticos acusativos (38%), variante recuperada sobretudo por influência do processo de escolarização (vd. Duarte 2015; Duarte & Freire, 2014; Duarte & Ramos, 2015). Afirmamos, pois, que a distribuição das variantes do OD de 3.^a pessoa nos *chats* tende a se aproximar de textos orais, não de textos típicos da escrita convencional, o que pode se dever, entre outros fatores, até mesmo ao alto nível de conhecimento compartilhado no momento da interação. Assim, segundo, *e.g.*, o princípio de iconicidade postulado por Givón (1983), favorece-se o objeto nulo; afinal, quanto mais previsível a informação, menos codificação linguística ela recebe. Representamos no gráfico a seguir a distribuição total das variantes coletadas em cada uma das investigações mencionadas.

Gráfico 1. A expressão do OD de 3.^a pessoa entre jovens universitários em cartas pessoais, em chats do Messenger, em chats do WhatsApp e a sua expressão na fala de jovens cariocas em situação de vulnerabilidade social (%).



Fonte: Adaptado de Pinheiro (2021).

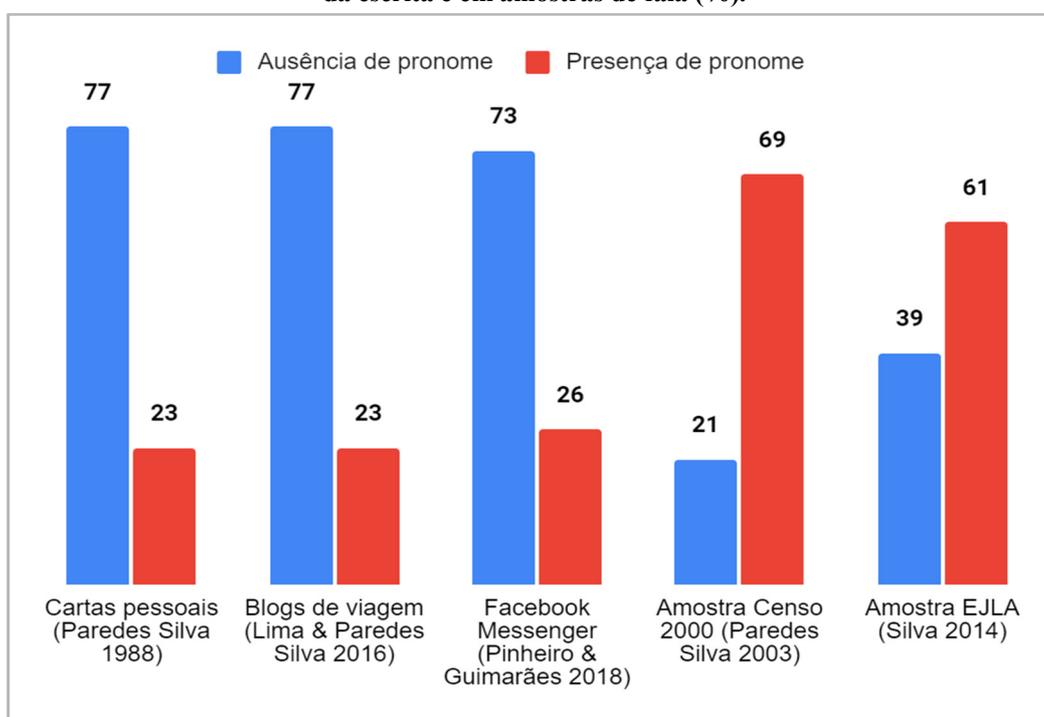
Já em Pinheiro e Guimarães (2018), voltamo-nos à variação do sujeito de 1.^a pessoa do singular no *corpus* de interações duais pelo *Facebook Messenger*. Atestamos variação entre a *presença* e a *ausência* do pronome sujeito, exemplificadas abaixo:

(4) *Interlocutor 'A'*: agora q **eu** percebi q o 2 se vc ver ele de lado ele vira um n

(5) *Interlocutor 'B'*: nao Ø aguento chat

Nessa análise, verificamos casos de sujeito nulo em 74% dos dados. Assim, diferentemente do objeto direto, a distribuição das variantes do sujeito nas conversas por *chat* se aproxima de ocorrências mais representativas da escrita convencional, em que se foge à expressão do pronome *eu*. O gráfico a seguir, adaptado de Pinheiro e Guimarães (2018, n.p.), contrasta a expressão dessa variável no Facebook Messenger, gênero de escrita digital informal; em *blogs* de viagem, gênero discursivo digital, mas que não busca necessariamente emular interações face a face (Lima & Paredes Silva, 2016); cartas pessoais, gênero da escrita convencional (Paredes Silva, 1988); além de duas amostras de dados da fala carioca (Paredes Silva, 2003; Silva, 2014).⁶

Gráfico 2. A expressão do sujeito de 1.ª pessoa do singular em diferentes gêneros da escrita e em amostras de fala (%).



Fonte: Adaptado de Pinheiro e Guimarães (2018).

Em um primeiro momento, atribuímos esses resultados ao caráter híbrido da comunicação digital, conforme indicado, por exemplo, por Marcuschi (2010): uma convergência de traços típicos da fala (maiores índices de objeto nulo) e de traços típicos da escrita (predominância de sujeito nulo). Posteriormente, porém, deparamo-nos com diferentes trabalhos sobre a língua inglesa – já apontados aqui – que tratam as ocorrências de sujeito nulo na escrita *online* informal como representativas das estratégias de simplificação linguística nessa modalidade comunicativa. Na verdade, Weir (2017) indica que, também no inglês, especificamente no que ele chama de *registro escrito reduzido* (*‘reduced*

⁶ A Amostra Censo 2000 é composta de 32 falantes estratificados por escolaridade (1 a 4 anos, 5 a 8 anos, 9 a 11 anos de escolaridade), gênero (homens e mulheres) e idade (15 a 25, 26 a 49 e 50 anos ou mais). Por sua vez, a Amostra EJLA é constituída por 16 adolescentes, todos homens, menores infratores que cumpriam medida socioeducativa em instituição pública na ocasião em que foram gravados.

written register'), por vezes nota-se a não expressão do objeto direto de 3.^a pessoa, um fenômeno descrito pelo próprio pesquisador como surpreendente. O registro escrito reduzido, conforme denominado pelo autor, corresponde, *inter alia*, à escrita em diários, às mensagens SMS e à comunicação pela internet. A surpresa à qual Weir faz referência deve-se ao fato de que, apesar de o registro escrito reduzido em inglês licenciar a possibilidade de objetos nulos, isso não parece ocorrer para o inglês falado.

Retomamos, portanto, a questão que postulamos anteriormente: na organização do conhecimento linguístico, as formas da língua também se armazenam associadas aos gêneros discursivos nos quais tendem a ocorrer? As evidências encontradas neste estudo apontam para a possibilidade de que as representações detalhadas das variantes sejam relacionadas aos gêneros discursivos em que tendem a ocorrer. Nos dados do português brasileiro observados em interações por chat, predominam as variantes nulas tanto do sujeito de 1.^a pessoa do singular, quanto do objeto direto de 3.^a pessoa – fenômenos variáveis que seguem direções opostas ao se compararem as modalidades oral e escrita convencionais do PB. Também no inglês, a não expressão do sujeito e do objeto, tal qual já mencionamos, costuma ser apontada como traço típico da comunicação digital, especialmente de *chats* (vd. Murray, 2000; Dabrowska, 2011; Herring, 2012; Rafi, 2014; Weir, 2012, 2017). No entanto, é necessário buscar mais evidências que confirmem essa hipótese.

Parece-nos, então, que estamos diante de padrões análogos para a comunicação digital em duas línguas distintas, que, nas suas modalidades falada e escrita convencionais, apresentam ainda comportamentos significativamente diferentes para o sujeito de 1.^a pessoa do singular e o objeto direto de 3.^a pessoa. Afinal, no inglês os contextos para sujeitos e objetos nulos são marcadamente restritos; já no português, essas variantes ocorrem em maior frequência, mas se distribuem diferentemente a depender dos gêneros discursivos analisados. Sugerimos, assim, que as variantes estão armazenadas no conhecimento linguístico dos indivíduos juntamente à situação comunicativa na qual costumam ocorrer – neste caso, a não materialização do sujeito de 1.^a pessoa do singular e do objeto direto de 3.^a pessoa estaria cognitivamente associada ao gênero *chat*. Desse modo, julgamos apropriado que, no mapa cognitivo em que a gramática se organiza a partir de aspectos da forma e do significado, também se considerem os gêneros discursivos como propriedades correspondentes aos eventos de uso da língua.

4. Considerações finais

Com base em uma conjugação dos Modelos baseados no Uso, da sua abordagem para a variação linguística e da análise de gêneros discursivos, acreditamos ser possível ampliar a compreensão acerca do conhecimento linguístico, tal qual cognitivamente armazenado, emergente das experiências comunicativas. Acreditamos também que esta discussão pode contribuir para identificarmos possíveis demandas discursivas típicas das mensagens instantâneas que motivam a ocorrência de variantes nulas, *i.e.*, não preenchidas. Assim, a alta frequência de variantes nulas nos *chats* decorreria, ao que nos parece, da necessidade de se empreender, pela internet, uma comunicação rápida, cuja consequência seria, pois, o emprego de estruturas linguísticas 'simplificadas' que favorecem a agilidade na

interação por meio digital – nesse caso, o emprego principalmente de sujeitos e objetos diretos nulos, em uma distribuição distinta daquelas já atestadas para a fala e para a escrita convencionais.

A fim de aprofundarmos essas reflexões, pretendemos dar sequência às análises aqui apresentadas, atentando-nos agora aos sujeitos de 2.^a e de 3.^a pessoas na mesma amostra de conversas pelo *Facebook Messenger*. Continuamos, portanto, interessados em comparar as variantes nulas dos itens (pro)nominais com as suas manifestações preenchidas. Julgamos que a observação dessas variáveis contribuirá, com particular destaque, para os objetivos traçados, visto que se verifica uma convergência das formas verbais associadas a esses sujeitos, conforme indica, *e.g.*, Paredes Silva (1998). Logo, o emprego das variantes preenchidas pode se inscrever na gramática a partir da demanda para evitar ambiguidade e, se for esse o caso, podem ser observados percentuais mais baixos das variantes nulas dos sujeitos de 2.^a e 3.^a pessoas, mesmo em interações por chat. Assim, encontraremos mais evidências para discutir até que ponto se mostra efetiva a correlação entre a comunicação eletrônica e a não expressão de determinados constituintes. Afinal, mesmo as interações digitais não devem estar completamente alheias à necessidade de se veicular uma informação de modo adequado.

Referências

- Androutsopoulos, J. (2014). Mediatization and sociolinguistic change: key concepts, research traditions, open issues. In J. Androutsopoulos (Ed.), *Mediatization and sociolinguistic change* (pp. 3–48). De Gruyter.
- Araújo, J. (2010). Transmutação de gêneros na web: a emergência do chat. In L. A. Marcuschi & A. C. Xavier (Eds.), *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido* (3.^a ed., pp. 109–134). Cortez.
- Araújo, J. (2016). Reelaborações de gêneros em redes sociais. In J. Araújo & V. Leffa (Eds.), *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* (pp. 49–64). Parábola Editorial.
- Bakhtin, M. (1997). *Estética da criação verbal*. (M. Pereira, Trad.). Martins Fontes. (1.^a ed. 1979)
- Baron, N. (2013). Enunciados segmentados em MIs. In T. G. Shepherd & T. G. Saliés (Eds.), *Linguística da internet* (T. G. Shepherd, Trad.; pp. 125–155). Contexto.
- Berger, N. I., & Coch, D. (2010). Do u txt? Event-related potentials to semantic anomalies in standard and texted English. *Brain & Language*, *113*, 135–148. <https://doi.org/10.1016/j.bandl.2010.02.002>
- Bybee, J. (1995). Regular morphology and the lexicon. *Language and Cognitive Processes*, *10*, 425–455. <https://doi.org/10.1080/01690969508407111>
- Bybee, J. (2010). *Language, usage and cognition*. Cambridge University Press.
- Bybee, J. (2013). Usage-based theory and exemplar representation. In T. Hoffman & G. Trousdale (Eds.), *The Oxford handbook of construction grammar* (pp. 49–69). Oxford University Press.
- Cristófaro Silva, T., & Gomes, C. A. (2020). Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplos. In C. A. Gomes (Ed.), *Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplos: para além do dualismo natureza/cultura na ciência linguística* (pp. 13–36). Contexto.
- Crystal, D. (2004). *A revolução da linguagem*. Jorge Zahar Ed.
- Dabrowska, M. (2011). Language economy in short text messages. *Studia Linguistica Universitatis Iagellonicae Cracoviensis*, *128*, 7–21.

- Diessel, H. (2015). Usage-based construction grammar. In E. Dabrowska & D. Divjak (Eds.), *Handbook of cognitive linguistics* (pp. 295–321). Mouton de Gruyter.
- Duarte, M. E. (2015). Para uma nova descrição da sintaxe do ‘português padrão’. *Cadernos de Letras da UFF*, 51, 23–41. <https://doi.org/10.22409/cadletrasuff.2015n51a214>
- Duarte, M. E., & Freire, G. C. (2014). Como a escrita padrão recupera formas em extinção e implementa formas inovadoras. In M. C. Paiva & C. A. Gomes (Eds.), *Dinâmica da variação e da mudança na fala e na escrita* (pp. 121–142). Contracapa.
- Duarte, M. E., & Ramos, J. M. (2015). Variação nas funções acusativa, dativa e reflexiva. In M. A. Martins & J. Abraçado (Eds.), *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro* (pp. 173–195).: Contexto.
- Givón, T. (1983). Topic continuity in discourse: the functional domain of switch reference. In J. Haiman & P. Munro (Eds.), *Switch reference and universal grammar: proceedings of a symposium on switch reference and universal grammar, Winnipeg, May 1981* (pp. 51–82). John Benjamins Publishing.
- Goldberg, A. E. (1995). *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago University Press.
- Herring, S. C. (2012). Grammar and electronic communication. In C. Chapelle (Ed.), *Encyclopedia of Applied Linguistics* (pp. 2338–2346). Wiley-Blackwell.
- Herring, S. C., & Androutsopoulos, J. (2015). Computer-mediated discourse 2.0. In D. Tannen, H. E. Hamilton & D. Schiffrin (Eds.), *The handbook of discourse analysis* (2.^a ed., pp. 127–151). John Wiley & Sons.
- Kemmer, S., & Barlow, M. (2000). Introduction: a usage-based conception of language. In M. Barlow & S. Kemmer (Eds.), *Usage-based models of language* (pp. vii–xxv). CSLI Publications.
- Lé, J. B. (2012). *Referenciação e gêneros jornalísticos: sistemas cognitivos em jornal impresso e jornal digital* (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).
- Lima, Y. D. R. (2014). *A variação do sujeito de primeira pessoa do singular no gênero blog* (Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).
- Lima, Y. D. R. (2017). *Forma e função em gêneros digitais: estrutura composicional e traços léxico-gramaticais no macrogênero blog* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).
- Lima, Y. D. R., & Paredes Silva, V. L. (2016). Efeitos discursivos na expressão variável do sujeito de primeira pessoa do singular em blogs de viagem. *Web-Revista Sociodialeto*, 6, 412–425.
- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Parábola Editorial.
- Marcuschi, L. A. (2010). Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In L. A. Marcuschi & A. C. Xavier (Eds.), *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido* (3.^a ed., pp. 15–80). Cortez.
- Marcuschi, L. A., & Xavier, A. C. (2010). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido* (3.^a ed.). Cortez.
- Murray, D. E. (2000). Protean communication: the language of computer-mediated communication. *TESOL Quarterly*, 34(3), 397–421. <https://doi.org/10.2307/3587737>
- Oliveira, F. D. (2014). *O uso de Sintagmas Nominiais complexos em blogs de opinião esportiva brasileiros e argentinos* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).
- Paredes Silva, V. L. (1988). *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal* (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).

- Paredes Silva, V. L. (1998). Variação e funcionalidade no uso de pronomes de 2.^a pessoa do singular no português carioca. *Revista de Estudos da Linguagem*, 7(2), 121–138.
- Paredes Silva, V. L. (2003). Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. In M. C. Paiva & M. E. L. Duarte (Eds.), *Mudança linguística em tempo real* (pp. 97–114). Contracapa/FAPERJ.
- Paredes Silva, V. L. (2012). Variação nos processos de referenciação correlacionada a gêneros discursivos. *Revista do GELNE*, 14(especial), 273–300.
- Paredes Silva, V. L., & Pinheiro, A. F. C. (2020). A escrita na web e variação linguística: sujeito, objeto direto, blogs e WhatsApp. In N. B. Dias & J. Abraçado (Eds.), *Estudos sobre o português em uso* (pp. 214–223). Pangeia.
- Pimienta, P. C. S. (2013). *La segunda persona de singular en el portugués de Rio de Janeiro: variación en la relación gramatical de objeto directo* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Guadalajara, Guadalajara).
- Pinheiro, A. F. C. (2016). A primeira parte de um estudo sobre a expressão variável do objeto direto de 3.^a pessoa: a fala de jovens cariocas em regime socioeducativo. *Linguística Rio*, 2, 50–60.
- Pinheiro, A. F. C. (2017). A variação do objeto direto de 3.^a pessoa em uma escrita próxima à fala: conversas de WhatsApp. In *Anais do X Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística: pesquisa linguística e compromisso político, 7 a 10 de março de 2017*, 154–165.
- Pinheiro, A. F. C. (2021). *Das cartas aos chats: a variação do objeto direto de 3.^a pessoa e a escrita informal no papel e na web* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).
- Pinheiro, A. F. C., & Guimarães, L. S. (2018). *A variação do sujeito e do objeto direto na web: o chat do Facebook e conversas de WhatsApp* (Apresentação de Trabalho na 9.^a Semana de Integração Acadêmica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).
- Rafí, M. S. (2014). Meaning Making through Minimal Linguistic Forms in Computer-Mediated Communication. *SAGE Open*, 4, 1–12. <https://doi.org/10.1177/2158244014535939>
- Santos, L. C. (2019). *A correlação entre sintagmas nominais complexos e o gênero notícia política: uma análise comparativa entre o suporte impresso e o digital* (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).
- Silva, L. A. (2014). *Sujeitos de 1.^a pessoa do singular: sua variação na fala de menores infratores* (Apresentação de trabalho na XXXVI Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).
- Stark, E., & Robert-Tissot, A. (2017). Subject drop in Swiss French text messages. *Linguistic Variation*, 17(2), 251–271. <https://doi.org/10.1075/lv.14020.sta>
- Traugott, E., & Trousdale, G. (2013). *Constructionalization and constructional change*. Oxford University Press.
- Wagner, S. (2016). Never saw one: first-person null subjects in spoken English. *English Language and Linguistics*, 22(1), 1–34. <https://doi.org/10.1017/S1360674316000216>
- Weir, A. (2012). Left edge deletion in English and subject omission in diaries. *English Language and Linguistics*, 16(1), 105–129. <https://doi.org/10.1017/S136067431100030X>
- Weir, A. (2017). Object drop and article drop in reduced written register. *Linguistic Variation*, 17(2), 157–185. <https://doi.org/10.1075/lv.14016.wei>

[submetido em 26 de novembro de 2021 e aprovado para publicação em 16 de julho de 2022]